

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Pacote na cabeça

• Eleitos com Fernando Henrique, no rastro de luz do Real, em 1994, os atuais deputados e senadores nunca tiveram que engolir um pacote econômico como o de ontem, duro especialmente com a classe média, a quem pedirão votos no ano que vem. Como diria Jamelão, os governistas pareciam infelizes como pintos na chuva. Confabulavam sobre os meios de suavizar o pacote, sem prejudicar o objetivo final do Governo, ressalvam.

O senador Antônio Carlos Magalhães teve um daqueles dias de pajé. Consultas e mais consultas reservadas sobre o que será possível fazer. Embora cuidadoso, ACM não escondeu seu desagrado com medidas como o aumento do Imposto de Renda da Pessoa Física, que deve gerar uma receita adicional de um bilhão de reais. Nas conversas com líderes, ponderou que não fica bem aumentar só o imposto dos cidadãos, deixando as empresas de fora. Isso com certeza o Congresso tentará evitar, negociando com o Governo algum corte capaz de produzir economia equivalente a um bilhão de reais.

Demissão de servidores, desligamento de inativos, aumento de combustíveis (que incluem o gás das cozinhas de todo o país), aumento de tarifas públicas e demais medidas que mexem no bolso têm inevitáveis efeitos políticos e eleitorais. O aumento dos juros, pelos efeitos nefastos sobre a economia, já deixara meio mundo ressabiado, diante da possibilidade de mudanças no psiquismo eleitoral. O pacote, estão certos, desencadeará vaga de frustrações numa fase

do ano carregada de expectativas. Compras de Natal, férias, viagens ao exterior, tudo será penalizado.

Esses cálculos, mais do que qualquer muxoxo pelo fato de não terem sido consultados, é que amofinou os líderes. A base só chega hoje, trazendo ecos do pacote pelo Brasil-afora. O que se pode notar ontem foi o comichão para alterar algumas medidas, embora os reparos tenham sido moderados. Oficialmente, prevaleceu o discurso do presidente, o da necessidade imperiosa do ajuste, embora amargo, para garantir a estabilidade e o Real. Os tucanos Aécio Neves, José Roberto Arruda e Teotônio Vilela Filho até foram ao Planalto externar apoio total e irrestrito ao pacote e ao presidente. O PFL foi mais reticente, assim como o PMDB e o PPB, mas sabendo todos que não havia escapatória. Fernando Henrique investe agora no reconhecimento de que arriscou seu projeto eleitoral pela garantia da estabilidade. Se ele virá, veremos.

A oposição, em seu momento mais confortável, dedicou-se a destrinchar maldades do pacote.

• Se os carros e as bebidas sofreram aumento de IPI, por que os cigarros, tão ou mais supérfluos, foram preservados? A pergunta é do ex-líder do Governo Benito Gama (PFL-BA).